

Apresentação

Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas, v. 18, n. 32 (2018) – reúne trabalhos que, em perspectivas diversas, abordam questões relacionadas à Filosofia. Em termos de síntese, mas sem englobar a totalidade das abordagens, este número é intitulado “Hermenêutica, linguagem e vida”.

Pela multiplicidade de visadas filosóficas aqui dispostas, apresentamos os trabalhos pelo critério sequencial da ordem alfabética dos nomes das/os primeiras/os autoras/es, a começar por **Angela Michelis**, com *Il cosmo è forse opera di un demiurgo inferiore, come sostenevano gli gnostici?* (“Seria o cosmos o trabalho de um demiurgo inferior, como defendiam os gnósticos?”), em que afirma, a partir da leitura de Jonas e Spengler, que a civilização atual, herdeira direta da modernidade, apresenta paralelos consideráveis com o contexto cultural greco-romano do início do período cristão. O gnosticismo, de acordo com Michelis, é um dos elementos comuns entre as duas eras.

Antônio Augusto Caldasso Couto, em “A vaca com olhos de coruja: leitura e escritura como exercício de maravilhamento filosófico”, enfatiza a importância de uma leitura e escritura especificamente filosóficas dos clássicos da filosofia considerando-as não apenas como fontes de pesquisa e produção em filosofia, mas como atividades de um modo de vida filosófico. A partir de provocações nietzschianas, Couto propõe pensar a escritura como um momento de “ruminação” filosófica.

Em “Viver é saber: sobre o ‘saber’ em *Da certeza* a partir do MS 119”, **Antônio de Carvalho Pais** aborda a análise de Wittgenstein sobre o uso das palavras “certeza” e “dúvida” como implicitamente subjacentes à relação de causa-efeito. A fonte do artigo são as observações wittgensteinianas incluídas no MS 119, escritas em 1937 e ampliadas nos últimos anos de vida desse filósofo, até seu falecimento em 1951. Essas observações foram coligidas no livro póstumo *Da certeza*. Antônio Pais propõe analisar essa obra a partir das principais ideias sobre o saber e o jogo da linguagem, com base no pensamento de Wittgenstein sobre a certeza e a dúvida em conexão com a causalidade e o fundamento, diante do desafio de fundamentar a nossa forma de vida.

Na perspectiva da filosofia da linguagem, da ética e da lógica, **Edmilson Alves de Azevedo**, empreende uma análise do conceito de místico em Ludwig Wittgenstein, em “O místico em Wittgenstein: a filosofia e os limites da linguagem”. A base para esse trabalho é o *Tractatus* wittgensteiniano, o qual tem como prioridade a resolução de todos os problemas filosóficos. De fato, Edmilson Azevedo sintetiza que o objetivo de Wittgenstein era resolver «o problema» filosófico por excelência. Esse problema, entretanto, está virtualmente atrelado a outro: a possibilidade de investigar entre aquilo que pode ser «dito» e aquilo que pode somente ser «mostrado».

Por seu turno, **Fabrício Soares Santos Fontes**, em “A economia e o fim último humano”, aborda a economia como apresentada por dois autores gregos antigos: Xenofonte e Aristóteles. A economia, na compreensão desses autores, é entendida primariamente em seu sentido literal, enquanto os preceitos de administração da casa e propriedades – o que chamaríamos hoje de economia doméstica ou privada.

Gianluca Cuozzo apresenta Cesare Lombroso, em seu empreendimento de tratar o corpo humano da mesma forma que um texto vivo no qual a assinatura da interioridade humana se inscreveria: o caráter e nossa disposição espiritual aos vícios e virtudes. O artigo está em italiano, com o título *Il volto come “palimpsesto alla rovescia”*: da *Annibale Carracci a Sherlock Holmes*. Em uma tradução simples para o português, o título denuncia a hermenêutica fisionômica proposta: “O semblante como ‘palimpsesto transfigurado’: de Annibale Carracci a Sherlock Holmes”.

Em outra perspectiva hermenêutica, **Jorge Miranda de Almeida** e **Hugo Pires Resumo**, em “Hermenêutica e subjetividade em Kierkegaard e Foucault”, enfatizam o deslocamento que o pensador francês realiza a partir de 1984, quando, retomando Sêneca e o cuidado de si, elabora uma aproximação muito próxima da interioridade, estabelecida pelo autor de *O conceito de angústia*. Esse artigo problematiza, portanto, a constituição da categoria da subjetividade em Kierkegaard e Foucault.

“Nietzsche como decisão: a interpretação de Heidegger da sentença nietzschiana ‘Deus está morto’”, de **José Roberto da Silva**, mostra a interpretação heideggeriana de Nietzsche, considerando que Heidegger, mesmo acusando Nietzsche de metafísico,

apropriar-se, em parte, do seu pensamento. Esta apropriação dá-se mediante a questão do tempo. Há na obra de Heidegger indícios de que Nietzsche, e o seu conceito temporal de *devoir*, como assunção do que advém, o influencia no desenvolvimento do conceito de temporalidade como horizonte essencial da existência humana. Isto se acena quando Nietzsche, através de seu anúncio da “morte de Deus”, denuncia a metafísica como niilista – uma forma de pensar ressentida contra o tempo.

Também na seara hermenêutica, **Josué Cândido da Silva**, em “A controvérsia entre Habermas e Albert sobre a intransitividade das ciências humanas”, participa de um importante debate que marca a história da filosofia contemporânea e que permanece aberto até os dias atuais. O autor afirma que, coerente com a tradição hermenêutica, Habermas postula que os critérios de objetividade das ciências naturais não se aplicam às ciências humanas, já que o pesquisador não pode assumir uma postura neutra e anular sua vivência individual no processo de investigação. Albert, por sua vez, defende que a realidade a que se refere nosso conhecimento é um todo conexo, sendo as fronteiras que separam as diferentes disciplinas resultado apenas de uma divisão científica do trabalho.

Retomando Wittgenstein, **Vanessa Duron Latansio** esboça, de modo breve, a proposta desse pensador sobre o que ele considera ser o método correto na filosofia: o esclarecimento da linguagem pela própria linguagem e, como consequência, a revisão dos problemas epistemológicos. O artigo tem como título “Wittgenstein sobre o método da filosofia: esclarecimento da linguagem pela linguagem”.

“Filosofia e cidade: travessias, nomadismo e errância”, de **Zamara Araújo dos Santos**, primeiramente, empreende a análise da relação entre filosofia e cidade apresentada por Deleuze e Guattari, dialogando com Nietzsche e outros teóricos estudiosos do tema. Como segunda intenção, entrelaçada à primeira, o artigo caracteriza a noção de cidade, também em Deleuze e Guattari, como território e um meio que define por fronteiras e consagra a multiplicidade e seus fluxos.

Finalmente, **Vanessa Duron Latansio** retoma a fala para apresentar uma resenha do artigo *Contextualism, Externalism and Epistemic Standards* (“Contextualismo, externalismo e padrões epistêmicos”), de autoria do filósofo britânico Michael Williams, publicado em 2001 pela *Philosophical Studies*, uma revista de

referência em filosofia analítica. Esse artigo postula uma objeção ao tratamento que o contextualismo de viés conversacional expressa diante do problema do ceticismo.

Mantendo nosso compromisso com a pluralidade temática, desejamos a todas/os ótimas leituras e interpretações nas páginas que se seguem.

Leandro de Araújo Sardeiro
Roberto Sávio Rosa
(Organizadores)